

ESTRANHANDO AS NECESSIDADES DA PESQUISA: REFLEXÕES SOBRE OS POSICIONAMENTOS DE QUEM ESCREVE SOBRE A CULTURA¹*

DR. MAURO MYSKIW

Colegiado de Educação Física, Universidade Estadual do Oeste do Paraná
(Marechal Cândido Rondon – Paraná – Brasil)
E-mail: mmyskiw@hotmail.com

MS. FLÁVIO PY MARIANTE NETO

Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Escola de E
ducação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
(Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil)
E-mail: flaviomariante@hotmail.com

DR. MARCO PAULO STIGGER

Departamento de Educação Física; Programa de Pós-Graduação em Ciências
do Movimento Humano, Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
(Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil)
E-mail: stigger.mp@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho contempla uma reflexão a respeito dos posicionamentos do pesquisador que escreve sobre a cultura. Partimos da experiência do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF/UFRGS) na compreensão da heterogeneidade dos significados das práticas de esporte/lazer no âmbito das cidades. Procuramos avançar em relação às implicações dos modos como o pesquisador se situa entre/com os interlocutores sobre aquilo que ele produz, fazendo isso a partir das “necessidades” de uma experiência etnográfica de 33 meses, realizada num circuito de futebol “de várzea” de Porto Alegre. As conclusões denotam que não apenas a produção do conhecimento é inextricável dos posicionamentos do pesquisador, mas também a própria construção do objeto da investigação.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; Conhecimento; Esporte; Lazer.

1. O presente trabalho contou com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), na modalidade bolsa de doutorado.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma reflexão em torno da produção de conhecimento sobre as práticas de lazer/esporte no âmbito das cidades, especialmente daquelas que englobam esforços de auto-organização das pessoas, dos grupos ou das *comunidades* para constituir e legitimar seus espaços e tempos em distintos lugares ou projetos sociais. Este enfoque corresponde a uma das linhas de pesquisa do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que, desde 2001, vem desenvolvendo investigações em diferentes projetos e espaços públicos e privados da cidade de Porto Alegre, tendo como foco a compreensão da diversidade cultural.

No interior desse grupo e dessa linha de pesquisa vários trabalhos foram produzidos (STIGGER; SILVEIRA, 2004; BAULER, 2004; RECKZIEGEL, 2004; WENETZ, 2005; BASTOS, 2006; PERCIÚNCULA, 2007; BORGES, 2007; SILVEIRA, 2008; MARIANTE NETO, 2010; PACHECO, 2012; RAMPAZZO, 2012; ZABALETA, 2012; WENETZ, 2012). Em comum entre eles está o fato de que as análises e as interpretações foram produzidas principalmente (não exclusivamente) a partir de grupos (e suas teias de significados²) que desenvolvem práticas verossimilhanes de esporte/lazer em (re)apropriações de determinados lugares ou de projetos sociais. Estes empenhos investigativos trabalharam com a noção de que os grupos, enquanto universos simbólicos singulares, produzem ativamente as suas normas e as suas lógicas, como também as reproduzem solidariamente no sentido de sustentar sua unidade, suas fronteiras e a sua identidade em relação a outros espaços, dizendo sobre a heterogeneidade dos significados.

A partir destes tipos de empreendimentos, novas questões têm sido gestadas no âmbito do GESEF em que pese, sobretudo, a prática etnográfica. Uma delas se refere à demanda da *escrita* para além de uma descrição densa capaz de tornar inteligível a cultura dos “outros” ou, no caso da linha de pesquisa referida, a cultura esportiva/de lazer “dos grupos”, mas também de estranhar e tornar inteligível os processos de aprendizagem do pesquisador que convive entre/com os “outros”, que compartilha os seus horizontes com os interlocutores, numa relação de troca, para, assim, chegar a um entendimento não previsto anteriormente³. Noutros termos, significa colocar o pesquisador no enredo da escrita etnográfica, na medida

2. Esta é uma referência à noção de cultura de Clifford Geertz (2008) e sua abordagem compreensiva da etnografia, para quem qualquer interpretação a ser feita em relação a práticas deve ser elaborada através do sistema simbólico ao qual elas pertencem.

3. Essa postura está presente em Magnani (2009), quando este autor procura dar contornos conceituais à experiência e à prática etnográfica.

em que aquilo que ele torna inteligível é tributário de seus posicionamentos ou das situações que ele enfrenta *no campo*.

Uma das questões que nos tem feito considerar relevante essa outra demanda é o fato de que escrever sobre as realidades culturais é, ao mesmo tempo, co-produzir as realidades e as diferenças, tal como apontam as problematizações colocadas por Lila Abu-Lughod (1991) e Marshall Sahlins (1997a) ao tratarem da tarefa da antropologia e do próprio conceito de cultura. A primeira autora, tratando sobre a questão da identidade multi-referenciada, afirma que a cultura (e o discurso antropológico) opera o reforço da separação entre os “eus” e os “outros”, construindo e reforçando as diferenças, daí a necessidade de se escrever *contra a cultura*⁴. Marshall Sahlins, diferente de Abu-Lughod, ao refletir sobre um pessimismo sentimental⁵, ressalta que a cultura – entendida como organização da experiência e da ação humanas por meios simbólicos – não pode ser abandonada, mas que essa característica de demarcação das diferenças deve ser interpretada como um valor, daí a necessidade de compreendê-la antes de denunciá-la.

Sem destacar ou desmerecer esse valor (acadêmico-social) da escrita da cultura, mas entendendo que, não raramente, ela fundamenta culturalismos⁶, nos coube, *produzir um exercício de análise sobre quem escreve a respeito das culturas de esporte/lazer*, assumindo uma postura reflexiva inspirada naquela sustentada por Pierre Bourdieu (2005) no seu “Esboço de Auto-Análise”⁷, porém, aqui, de menor fôlego, ressaltando apenas as trajetórias de imersão de quem realiza uma investigação etnográfica e das formas como constrói o objeto na relação com os interlocutores com as cidades. Isto foi realizado tomando como base uma pesquisa realizada entre fevereiro de 2009 e dezembro de 2011, num circuito de futebol da cidade de Porto Alegre, caracterizado pelo envolvimento de em torno de 300 times, 20 ligas regionais de futebol, da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer (SME) e de um grande número de árbitros, *bandeiras* e *mesários*. A maior expressão deste circuito é o campeonato municipal, conhecido como o *municipal da várzea*, realizado há

4. Esta afirmação ganha sentido dentro do argumento da autora de que o conceito de cultura está implicado pelas relações/diferenças entre o “eu” e o “outro”, uma herança da disciplina antropológica construída sobre a oposição ocidente (eu) e não ocidente (outro), daí a necessidade de um exercício de desconstrução (ABU-LUGHOD, 1991).

5. O pessimismo sentimental de Sahlins (1997) se refere a um certo desencanto e uma ansiedade, resultados da sensação de perda do objeto, isto é, dos limites culturais, dadas as interconexões e as dinâmicas que colocam padrões inéditos de cultura humana (formas sincréticas, translocais, multiculturais e neotradicionais).

6. Um tipo de autoconsciência, através da qual a cultura assume um caráter de projeto social que está, em certa dimensão (não sem resistências e tensões), ligado à expansão global da ordem capitalista ocidental, sobretudo de seus modos mais recentes de colonização, mercantilização e comunicação. (SAHLINS, 1997b).

7. Bourdieu (2005) sustenta que o autor do estudo é parte integrante do desenvolvimento da investigação. A produção do conhecimento se dá, também, pela (auto)percepção de quem investiga, derivando disso a fundamental atitude de pesquisar-se ao mesmo tempo em que pesquisa, colocando em questão as categorias de análise.

mais de 20 anos, contemplando as fases regionais (organizadas pelas ligas) e a fase municipal (organizada pela SME).

A partir das observações e das participações nesse circuito, apresentaremos, brevemente, algumas situações etnográficas com o objetivo de refletir, sob o ponto de vista epistemológico, a respeito dos (re)posicionamentos do pesquisador *em campo* e de como eles implicam na produção do objeto da pesquisa, daí a relevância de tornar inteligíveis as trajetórias do investigador nos processos de imersão e pensar as ressonâncias disso *na escrita*. Tal atitude (epistemológica) está presente no trabalho de James Clifford (2002), onde ele discute a autoridade etnográfica, com destaque para a emergência do paradigma discursivo⁸, que retira a escrita da marginalidade do trabalho antropológico. Nossas análises e ponderações seguem nesse sentido de reflexão sobre a autoridade, porém não com foco específico na escrita, mas no estranhamento de quatro “necessidades metodológicas” que implicavam, simultaneamente, sobre a produção social do objeto da pesquisa e das categorias de compreensão.

A NECESSIDADE DA SITUAÇÃO MULTILocal

Os primeiros passos da etnografia não foram dados nos campos, mas numa sala de reuniões da Gerência de Futebol da SME de Porto Alegre. Uma vez tomada a decisão de estudar o futebol organizado pelos moradores da cidade, foi “necessário” encontrar um ou mais grupos para investigar. No início da investigação, essa noção de etnografia dos grupos ainda era bastante forte e orientou a escolha do campeonato municipal da *várzea* de Porto Alegre como “lugar” para se pesquisar. Após as negociações de entrada e de permanência, advém a satisfação de estar acompanhando reuniões de “um grupo” de dirigentes de ligas de futebol que estavam envolvidos nas fases regionais *do municipal*. Contudo, o fato de permanecer na sala de reuniões, observando as pessoas, as práticas, os comportamentos, as hierarquias, as disputas e os documentos, de ocupar o lugar de um “anotador discreto”, não significava, de modo algum, *entrar em campo*. Enquanto os esforços de pesquisa estavam apenas baseados na permanência na sala de reuniões, muito do que ocorria ali carecia de sentido, não passavam de performances difíceis de serem compreendidas.

Esta condição se alterou drasticamente quando foi percebida a “necessidade” de acompanhar os dirigentes nos seus campeonatos, seja nas praças e parques do centro da cidade, seja nos campos das vilas periféricas. Quanto mais se conhecia das

8. Clifford (2002) desenvolve uma análise no sentido de localizar diferentes modos de legitimar a autoridade de quem escreve sobre a cultura, passando pelos paradigmas da “experiência”, da “interpretação” e do “discurso”.

dinâmicas destes “outros espaços” e suas diferenças, mais se conseguia compreender aquilo que acontecia dentro da sala de reuniões. Disso resultou a compreensão de que a *entrada na sala* somente ocorreu quando se *saiu dela*; quando foi constituído um movimento investigativo multilocalizado, algo que ficava bastante claro em face às participações do investigador. Aquilo que o pesquisador fazia dentro das salas repercutia fora dela (nos campos das vilas, nos bares, nos salões de festas), como também aquilo que ele fazia fora (nas rodadas das competições, nas reuniões nas vilas, nas festas, almoços e jantares) ressoava nos encontros. Se no início o sentimento de inconveniência (de pesquisador) na sala de reuniões era comum, aos poucos, ele fora substituído pela sensação de ocupar um lugar naquele espaço, sobretudo, em função das experiências fora dele.

A principal conclusão disso foi a de que não seria possível compreender um pouco mais o que acontecia na sala de reuniões sem experimentar diferentes configurações para além dela, não apenas para compará-las, mas, sobretudo, para conectá-las ou justapô-las. Esta é uma postura metodológica bastante semelhante àquela postulada por George Marcus (2001) – a etnografia multilocal –, em alternativa ao modelo tradicional, cujo enfoque não recai sobre o estudo dos locais, mas das conexões, das associações das relações presentes nas localidades. Neste caso, o exercício de compreensão perpassa pela capacidade do investigador em percorrer os caminhos, os trajetos, as conjunções ou as justaposições de locais, já que os significados das práticas, ainda que objetivados num lugar, estão ancorados multiplamente, condição esta correspondente àquilo que fora experimentado na sala de reuniões.

A NECESSIDADE DA CIRCULAÇÃO NO CIRCUITO

Dada a “necessidade” de sair da sala de reuniões, ainda no primeiro ano da pesquisa (2009), a investigação passou a compor a observação de partidas de futebol nos campos da cidade. Neste momento inicial, o objetivo era observar as diferentes configurações baseadas nos “lugares” (nas praças, parques, bairros, estádios e nos campos das vilas) e, então compará-los (mais do que conectá-los), o que se produzia olhando “de fora” dos alambrados e dos grupos que estavam envolvidos nas disputas, no máximo ao lado dos dirigentes conhecidos nas reuniões. Não restavam dúvidas que os “lugares” da/na cidade compreendiam dinâmicas culturais mais ou menos distintas e que estas implicavam na maneira como se experimentava as práticas do futebol (organizar, jogar, apitar, torcer, etc.), mas o importante não foi notar isso e sim verificar que as pessoas e os grupos circulavam pelas diferentes configurações e as co-produziam.

Por ocasião das rodadas de partidas, os times, os torcedores (ou a *comunidade* como se dizia) e até mesmo alguns *trabalhadores da várzea*⁹ mostravam-se itinerantes; convergiam para as praças para compartilhar ou, não raramente, disputar aqueles espaços com os moradores do entorno ou outros *habitués* (corredores, caminhantes, *personais*, vendedores locais, etc.). Esta dinâmica se reproduzia em função dos *camêns* das competições, em relação aos quais as pessoas se movimentavam pela cidade, incluindo aí o pesquisador que se via diante de uma “outra necessidade”: era preciso mais do que observar os multilocais; também era imperioso seguir as pessoas e os grupos em ação e em deslocamento, procurando compreender como eles conectavam e co-produziam estes lugares ao vivenciá-los. Em vista disso a pesquisa passa a englobar a circulação, primeiro seguindo alguns times e suas *comunidades*, mas observando-os à distância (normalmente fora dos alambrados), depois, junto com alguns deles. Esta circulação orientada pelas competições também foi experimentada pelo investigador em face as suas participações como *mesário*, *bandeira* e *árbitro*.

Para circular se requeria do pesquisador e dos seus interlocutores um constante exercício de aprendizagem sobre o que era adequado em cada configuração, afinal as práticas, embora localizadas neste ou naquele campo, deixavam marcas capazes de ressoar em outros espaços e tempos – as partidas acabavam, mas muitas de suas histórias continuavam vivas, circulando. Algumas dessas histórias em ação foram acompanhadas e nos possibilitaram notar que o sentido das práticas do futebol não era apenas resultado de uma construção multilocal, sendo também tributária da dinâmica de circulação. Respeitando as diferenças entre trabalhos, se Wacquant (2002), no seu estudo sobre o boxe, pode afirmar que aprendeu ‘pelo corpo’ a ordem social do *gym*, poderíamos dizer, no caso desta pesquisa, que se aprendeu ‘pela circulação’ em situações ou arranjos heterogêneos. Aquilo que se observava em relação às práticas do futebol era inextricável das situações etnográficas, como bem salientou Hélio Silva (2009) ao refletir sobre como o conhecimento da cidade é produzido pelos percursos que nela são possíveis, uma vez que o observador (tal como seus interlocutores) encontra-se em ação em territórios demarcados, lhe cabendo negociações de itinerários tanto quanto de permanências.

A NECESSIDADE DE DESFOCAR DO FUTEBOL

A partir do segundo ano de investigação, quando houve uma aproximação maior com as pessoas e com os grupos nas suas *comunidades*, o exercício de análise

9. Árbitros; vendedores de cerveja, refrigerantes, sanduíches, pastéis, sorvetes, etc.; catadores de latinhas; fotógrafos; e jornalistas.

pautado na circunscrição do circuito de futebol como um espaço simbólico particular, relativamente autônomo, que, então, “se relacionava” com outras dimensões da vida, passou a representar, em certa medida, um limitador das análises e das interpretações. Não era suficiente, por exemplo, classificar os campos de futebol apenas pela qualidade de suas “estruturas esportivas” (gramado, alambrados, iluminação, vestiários, etc.), sendo impreterível considerar a comunidade do entorno, a pessoa ou a família responsável (os zeladores), os times considerados *donos* ou os que *mandavam* suas partidas naqueles espaços, os *donos das copas*, os *patrões* do tráfico e suas divisões de territórios, os *políticos* e os empresários forneciam recursos. Especialmente nas regiões mais periféricas da cidade, nas vilas, os campos não podiam ser reduzidos a espaços do futebol, sendo fundamental considerá-los como espaços pelos quais passavam várias outras questões das comunidades. Os campos eram sim espaços do futebol, mas também eram, simultaneamente, lugares de *fazer renda*, de *fazer votos*, de *fazer homens e mulheres*, de *fazer amigos e inimigos*. Portanto, não seria nenhum problema tratá-los como espaços liminares, híbridos ou “zonas livres” na lógica da reflexão empreendida por Archetti (1999)¹⁰ em relação às masculinidades.

Para notar isso se tornou “necessário” outra postura de investigação: não limitar-se à permanência e à circulação pelos campos, mas também andar pelas ruas, pelos becos das vilas, frequentar bares, participar de festas, almoços, jantares, de excursões de lazer, conhecer as residências, as ocupações e os espaços de trabalho. Nesse tipo de *situação*, quanto mais se procurava saber “do futebol”, mais se sabia “da vida dos interlocutores” nas suas comunidades e mais eles sabiam “da vida do pesquisador”, algo que obscurecia, ou tornava irrelevante, a identidade de aluno de pós-graduação que realiza uma investigação. Esse obscurecimento decorria de dinâmicas de participações, mas fundamentalmente de processos de aprendizagens sobre como “se comportar” nos campos, nas ruas, nos bares, nas residências, nos comitês de campanha e nos gabinetes da Prefeitura.

Mais do que aprender a “separar” as “coisas do futebol” das “coisas da vida ordinária”, aprendia-se a misturá-las, sabendo, por exemplo, que o futebol dependia da renda *das copas* tanto quanto *as copas* dependiam do futebol; aprendia-se a ser contraditório em relação às normas dos regulamentos e das regras do jogo sem que isso significasse ser inadequado, transgressor ou imoral; aprendia-se a deixar

10. Estudando o tango e o futebol como arenas para identidades masculinas nacionais, Archetti (1999) concebe estes espaços como zonas “livres” em relação à “alteridade”. Segundo ele, as tendências de ordenação da sociedade estão fortemente relacionados às arenas públicas, como a escola, o serviço militar, o trabalho, às cerimônias e rituais públicos da nação. Estes espaços esportivos, caracterizados pela liminaridade, consubstanciariam propriedades anti-estruturais que podem desafiar o oficial e o puritano, como lugares de mistura, criatividade e hibridismos.

de planejar as tabelas, os horários das partidas, considerando uma grande soma de agenciamentos cotidianos que atravessavam tais planos, mas, ainda assim, produzir os *carnês*, pois, embora eles não tivessem validade concreta, carregavam um sentido (o de organização); aprendia-se a performatizar os *perigos das vilas* para intimidar os adversários ou para persuadir órgãos da Prefeitura e do Estado a investir recursos nos campeonatos locais/regionais; aprendia-se a deixar-se jogar fora dos alamedas, a estar *absorvido pelo jogo* – no sentido da briga de galos de Geertz (2008) –, não porque a partida era válida por um campeonato, mas pelo fato de que as pessoas envolvidas nas partidas eram, então, conhecidas (não apenas agentes anônimos operando disposições de um campo simbólico).

Ao destacar essas aprendizagens, não queremos dizer sobre transformação do pesquisador num *nativo* do circuito *varzeano* (longe disso), mas salientar que para conhecer sobre “o futebol” foi “necessário” ampliar os raios de circulação, de observação e, em algumas situações, de participação, ou, poderíamos, dizer, de desfocar, de desprender-se das categorias esportivas.

A NECESSIDADE DE DESENHAR TRAMAS

A ampliação das observações para além dos limites dos campos incidia sobre a maneira de olhar e entender a circulação dos homens pelos times, pelos campos e pelas diferentes categorias das competições. Uma das dimensões dessa circulação abrangia a *rede de conhecidos*, isto é, uma produção de itinerários de participações nos times de futebol baseadas em distintos critérios de *ajuntamento* (como diziam os interlocutores), entre eles a vizinhança, o parentesco, o coleguismo, a origem, o clientelismo e, é claro, a habilidade futebolística. A amplitude da *rede de conhecidos* – frequentemente tomada como a rede de amigos – se relacionava com as oportunidades de prática e com a circulação das pessoas pelos times e pelos campos da cidade, o que, na grande maioria das vezes, não denotava uma falta de caráter, pelo contrário era mencionada positivamente.

Como a montagem dos times era tributária dessa rede, emergiu uma nova “necessidade” investigativa, a de observar os *ajuntamentos* “em trajetórias” frente à trama dos *conhecimentos*. Se, no início da pesquisa, a meta era escolher um time e observá-lo em deslocamento pela cidade, com a observação da fruição nas *redes*, a categoria “time” mostrava-se insuficiente para compreender as práticas do futebol. A produção dos compromissos com o futebol não podia ser reduzida a um acordo ou a uma assinatura (numa ficha de inscrição) antes das competições, sendo fundamental considerá-la dentro de trajetórias de arranjos de montagens e desmontagens das equipes, estas baseadas não apenas na habilidade técnica-tática,

mas nos locais de residência, nos graus de parentesco, nas amizades de infância, na condição de eleitor, na probabilidade de gastar nas *copas*, etc.

A relevância dessa noção de trajetórias foi especialmente notada num período de 22 meses seguindo o Miranda¹¹, um líder comunitário na vila Paraná, sócio na *copa* do campo da vila Ibema, *presidente* da liga de futebol local, trabalhador da construção civil (pedreiro, pintor, encanador), *dono* de um bar. O Miranda tinha desenvolvido uma extensa *rede de conhecidos* que lhe possibilitava muitas oportunidades para jogar e também para figurar como *dono* do Guarani – time da sua vila, que disputava competições em distintas categorias –, cujas montagens poderiam ser descritas, sem problemas, como distribuídas e polifônicas entre aqueles que se consideravam parte, ou seja, um *conhecido* que *conhece* alguém e que o traz para jogar. Ao mesmo tempo em que o Guarani representava um importante espaço de lazer do Miranda, ele também significava ocasiões de *fazer renda, votos e amizades*. Estas não eram dimensões vividas de maneira separadas e podiam ser observadas com mais precisão se consideradas “em trajetórias”, sobretudo nos *ajuntamentos* para se montar os times e leva-los às partidas.

Portanto, a fim de compreender as práticas do futebol, além de observar a circulação das pessoas e de relacioná-la à vida das pessoas, foi “necessário” acompanhar, mapear e desenhar os percursos, as tramas (não limitados à noção de territórios) no interior das *redes de conhecidos*. Tratava-se de um exercício próximo àquele descrito por Vera Telles (2006) ao fundamentar os estudos das mobilidades urbanas com base na reconstituição dos fios, das dobraduras, das conexões, enfim, das tramas urbanas, com vistas à compreensão dos agenciamentos da vida cotidiana.

ENTRE A ESCRITA DA CULTURA E A CULTURA DA ESCRITA

Apresentadas algumas situações e as “necessidades metodológicas” que elas fizeram emergir, retornamos a preocupação inicial, que colocou em pauta a *escrita etnográfica* como um exercício (legítimo) de produção das realidades (culturais), o que justifica o posicionamento, no texto, do autor/pesquisador que escreve sobre a cultura (no caso, aqui, de esporte/lazer), na medida em que ele co-produz as diferenças. Em vista dessa preocupação, no decorrer deste trabalho, procuramos mostrar, num esforço de caráter epistemológico, que a produção do conhecimento, no caso da experiência etnográfica no circuito de futebol *varzeano* da cidade de Porto Alegre, era inextricável das situações experimentadas pelo pesquisador

11. As denominações das pessoas, das vilas e do time aqui mencionados são fictícios em face a questões éticas de pesquisa.

e, sobretudo, das suas mudanças cognitivas em relação ao “objeto de pesquisa”, isto é, daquilo que lhe foi “necessário” e “possível” observar e aprender entre/com seus interlocutores.

Ao longo do presente texto trouxemos algumas rápidas interpretações – em torno da *multilocalidade*, da *circulação*, do *desfocamento* e do *desenho de tramas* – que nos levaram a concluir que não se tratavam apenas de “tornar inteligível” a cultura (futebolística, do municipal *varzeano*) dos “outros”, mas de produzi-la a partir de “determinados” posicionamentos. Disso deriva o entendimento de que o texto *etnográfico* objetiva um discurso está longe de dizer sobre uma cosmologia do circuito da *várzea* e mais próximo de uma costura possível, espécies de retratos que trazem elementos para “pensar a cultura”, mais do que para defini-la. Tal compreensão, vale ressaltar, não significa imprimir um relativismo total daquilo que se escreve sobre a cultura (de esporte e de lazer), tampouco atribuir ao pesquisador um protagonismo exacerbado, mas de enfatizar que o texto *etnográfico* é, também (não apenas), o resultado da trajetória de uma pessoa em relação a cultura dos “outros”. Essas trajetórias, como tentamos mostrar, demarcam, em alguma medida, a compreensão da cultura tanto quanto produz as diferenças, daí a imperiosidade de refletir sobre elas e exprimi-las na própria escrita.

Wondering About the Necessity of Research: Reflections on the Stand Taken by Those Who Write About Culture

ABSTRACT: This paper presents a discussion on the position that the researcher who writes about culture takes. We take the experiments of the Socio-Cultural Study Group in Physical Education of the Federal University of Rio Grande do Sul (GESEF/UFRGS) in order to understand the heterogeneity of meanings in the practice of sport and leisure in a city environment. We have sought to advance with regards to the implications in the ways in which the researcher is placed among / with the persons involved, about that which he produces, doing this from the “necessities” of an ethnographic experiment of 33 months, carried out within an amateur soccer league in Porto Alegre. The conclusion shows that not only the production of knowledge is inextricable from the positioning of the researcher, but also the construction of the object of research itself.

KEYWORDS: Culture; Knowledge; Sport; Leisure.

Extrañando las necesidades de la investigación: reflexiones sobre los posicionamientos de quién escribe sobre la cultura

RESUMEN: El presente trabajo contempla una reflexión a respecto de los posicionamientos del investigador que escribe sobre la cultura. Partimos de la experiencia del Grupo de Estudios Socioculturales en Educación Física (GESEF/UFRGS) en la comprensión de la heterogeneidad de los significados de las prácticas de deporte/ocio en el ámbito de las ciudades. Procuramos avanzar en relación a las implicaciones de los modos como el investigador se sitúa entre/con los interlocutores sobre aquello que el produce, haciendo eso a partir de las “necesidades” de una experiencia etnográfica de 33 meses, realizada en un circuito de fútbol “de várzea” de Porto Alegre. Las conclusiones denotan que no apenas la producción de conocimiento es inextricable de los posicionamientos del investigador, pero también la propia construcción del objeto de la investigación.

PALABRAS CLAVES: Cultura; Conocimiento; Deporte; Ócio.

REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, L. *Writing Against Culture*. In: FOX, R. G. *Recapturing Anthropology: Working in the Present*. Santa Fé: School of American Research Press, 1991. p. 153-169.

ARCHETTI, E. P. *Masculinities: Football, Polo and the Tango in Argentina*. Oslo: Berg, 1999.

BASTOS, B. G. *Estilo de vida e trajetórias sociais de skatistas: da “vizinhaça” ao “corre”*. 2006, 174 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

BAULER, S. R. G. *O futebol faz rolar mais do que uma bola: um estudo sobre o significado do futebol numa periferia urbana*. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

BORGES, R. B. *Corrida de aventura e risco: um estudo etnográfico*. 2007. 158 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

BOURDIEU, P. *Esboço de auto-análise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CLIFFORD, J. Sobre a autoridade etnográfica. In: CLIFFORD, J. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. 13. reimp. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

MAGNANI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, a. 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez., 2009.

MARCUS, G. Etnografia em/del sistema mundo: o surgimento de la etnografia multilocal. *Alteridades*, Distrito Federal, México, v. 11, n. 22, p. 111-127, jul./dez., 2001.

MARIANTE NETO, F. P. *Da academia de boxe ao boxe da academia: um estudo etnográfico*. 2010. 125 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

PACHECO, A. C. “*É lazer, tudo bem, mas é sério*”: o cotidiano de uma equipe master feminina de voleibol. 2012. 128 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PERCIÚNCULA, J. C. B. “*Eles vêm pra cá, para se proteger*”...? *O gerenciamento das crianças no programa SASE, do Vida Centro Humanístico, em Porto Alegre/RS*. 2007. 140 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

RAMPAZO, M. *Skate, uma prática no lazer da juventude: um estudo etnográfico*. 2012, 128 fls. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

RECKZIEGEL, A. C. C. *Dança de rua: Lazer e cultura jovem na Restinga*. 2004. 198 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

SAHLINS, M. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um “objeto” em via de extinção (Parte I). *Mana*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 41-73, 1997a.

_____. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um “objeto” em via de extinção (Parte II). *Mana*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 103-150, 1997b.

SILVA, H. R. S. A situação etnográfica: andar e ver. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, a. 15, n. 32, p. 171-188, jul./dez., 2009.

SILVEIRA, R. da. *Esporte, homossexualidade e amizade: estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino*. 2008. 156 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

STIGGER, M. P.; SILVEIRA, R. A prática da “bocha” na SOERAL: entre o jogo e o esporte. *Movimento*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p.37-53, mai./ago., 2004.

TELLES, V. da S. Trajetórias urbanas: fios de uma descrição da cidade. In: HIRATA, D. V. et al. (orgs.). *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Humanitas, 2006.

THOMASSIM, L. E. C. *O "Público-alvo" nos bastidores da política: um estudo sobre o cotidiano de crianças e adolescentes que participam de projetos sociais esportivos*. 2010. 310 f. Tese (doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

WACQUANT, L. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WENETZ, I. *Gênero e sexualidade nas brincadeiras do recreio*. 2005. 204 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

WENETZ, I. *Presentes na escola e ausentes na rua: brincadeiras de crianças marcadas pelo gênero e pela sexualidade*. 2012. 231 f. Tese (doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

ZABALETA, A. S. D. *Velhice e lazer: olhar etnográfico para um projeto de idosos*. 2012. 103 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

Recebido em: 7 abr. 2013

Aprovado em: 7 ago. 2013